

PAULO COELHO



HIPPIE

**PA
RA
16
19**

Outros títulos de Paulo Coelho:

O Alquimista

Brida

A bruxa de Portobello

O demônio e a srta. Pryn

O diário de um mago

A espiã

Maktub

Manual do guerreiro da luz

Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei

Onze minutos

Veronika decide morrer

“Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós,
que recorremos a Vós.” Amém.

Copyright © 2018 by Paulo Coelho
<http://paulocoelhoblog.com>

Publicado mediante acordo com Sant Jordi Associados Agencia Literaria SLU,
Barcelona, Espanha.

Todos os direitos reservados.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarzc S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

FOTO DE QUARTA CAPA Acervo pessoal do autor

MAPA DA PÁGINA 120-1 © Christina Oiticica

PREPARAÇÃO Alexandre Boide

REVISÃO Nana Rodrigues e Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coelho, Paulo

Hippie / Paulo Coelho. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela,
2018.

ISBN 978-85-8439-116-5

1. Escritores brasileiros – Memórias 2. Experiências
de vida 3. Hippie – Narrativas pessoais 4. Literatura
brasileira I. Título.

18-14392

CDD-869.9803

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores brasileiros : Memórias : Literatura
brasileira 869.9803

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

*Alguém lhe disse: “Tua mãe e
teus irmãos estão lá fora e querem ver-te”.*

*Ele lhe respondeu: “Minha mãe e meus irmãos são
aqueles que ouvem a palavra de Deus e a praticam”.*

Lucas 8,20-1

Pensei que minha viagem tivesse chegado a seu final
Eu estava no meu limite
O caminho à minha frente, fechado
As provisões, terminadas
E havia chegado o momento de procurar abrigo
na escuridão silenciosa
Mas descobri que
Teu desejo permanecia
Quando as velhas palavras tinham sido esquecidas
pela língua cansada
Novas melodias brotavam do meu coração
Onde os velhos caminhos acabavam
Um novo mundo se revelava

Rabindranath Tagore

Para Kabir, Rumi, Tagore, Paulo de Tarso, Hafez,
Que me acompanham desde que os descobri,
Que escreveram parte da minha vida,
Que conto no livro — muitas vezes com suas palavras.

As histórias aqui relatadas fazem parte da minha experiência pessoal. Alterei ordem, nomes e detalhes de pessoas, tive que condensar algumas cenas, mas tudo que ocorreu é verdadeiro. Usei a narrativa na terceira pessoa porque isso me permitiu dar aos personagens sua própria voz na descrição de suas vidas.

Em setembro de 1970, dois locais disputavam o privilégio de ser considerados o centro do mundo: Piccadilly Circus, em Londres, e o Dam, em Amsterdam. Mas nem todo mundo sabia disso. Se perguntassem à maior parte das pessoas, elas teriam respondido: “a Casa Branca, nos Estados Unidos, e o Krêmlin, na União Soviética”. Porque essas pessoas se informavam por jornais, televisão, rádio, meios de comunicação já completamente ultrapassados e que jamais voltariam a ter a relevância que tiveram quando foram inventados.

Em setembro de 1970, as passagens de avião eram caríssimas, o que permitia apenas a uma elite viajar. Bem, não era exatamente assim para uma multidão imensa de jovens, da qual os antigos meios de comunicação se concentravam apenas no aspecto externo: tinham cabelos longos, usavam roupas coloridas, não tomavam banho (o que era uma mentira, mas os jovens não liam jornais, e os adultos acreditavam em qualquer notícia capaz de insultar aqueles que consideravam uma “ameaça para a sociedade e os bons costumes”), punham em risco uma geração inteira de moços e moças estudiosos procurando vencer na vida com seus péssimos exemplos de liberti-

nagem e “amor livre”, como se dizia com desprezo. Pois bem, essa multidão cada vez mais numerosa de jovens tinha um sistema de divulgar notícias que ninguém, absolutamente ninguém, conseguia detectar.

O “Correio Invisível” estava pouco ligando para divulgar e comentar o novo modelo da Volkswagen ou os novos tipos de sabão em pó que acabavam de ser lançados no mundo inteiro. Suas notícias resumiam-se a qual seria a próxima grande trilha a ser percorrida por aqueles jovens insolentes, sujos, praticantes de “amor livre”, trajando roupas que nenhuma pessoa de bom gosto seria capaz de vestir. As meninas com seus cabelos em trança cobertos de flores e suas saias longas, blusas coloridas sem sutiã, colares de todo tipo de cores e contas; os rapazes com cabelos e barba sem cortar havia meses, com jeans desbotados e rasgados de tanto uso, porque jeans eram caros em toda parte do mundo — exceto nos Estados Unidos, onde tinham deixado o gueto dos trabalhadores de fábrica e agora eram vistos nos gigantescos concertos em San Francisco e arredores.

O “Correio Invisível” existia porque as pessoas estavam sempre nesses concertos, trocando ideias sobre onde deveriam se encontrar, como podiam descobrir o mundo sem entrar em um ônibus de turismo onde um guia ia descrevendo as paisagens enquanto as pessoas mais jovens se entediavam e os velhos dormiam. E assim, através do boca a boca, todos sabiam onde seria o próximo concerto ou a próxima grande trilha a ser percorrida. E não existiam limites financeiros para ninguém, porque o autor preferido de todos nessa comunidade não era nem

Platão nem Aristóteles, nem os quadrinhos de alguns desenhistas que haviam ganhado o status de celebridade. O grande livro, que praticamente ninguém viajava para o velho continente sem, chamava-se *Europa a cinco dólares por dia*, de Arthur Frommer. Com ele todos podiam saber onde se hospedar, o que ver, onde comer e quais eram os pontos de encontro e os lugares em que se podia assistir a música ao vivo sem gastar praticamente nada.

O único erro de Frommer foi ter, na época, limitado seu guia à Europa. Não existiam outros lugares interessantes? As pessoas não estavam mais dispostas a ir para a Índia do que para Paris? Frommer corrigiria tal falha alguns anos depois, mas enquanto isso o “Correio Invisível” se encarregou de promover uma rota na América do Sul, em direção à ex-cidade perdida de Machu Picchu, alertando a todos que não comentassem muito com quem não conhecia a cultura hippie, ou em breve o lugar seria invadido por bárbaros com suas máquinas fotográficas e as extensas explicações (rapidamente esquecidas) de como um bando de índios havia criado uma cidade tão bem escondida que só poderia ser descoberta do alto — algo que eles julgavam incapaz de acontecer, porque homens não voam.

Sejamos justos: existia um segundo e imenso best-seller, não tão popular como o livro de Frommer, mas que era consumido por gente que já tinha vivido sua fase socialista, marxista, anarquista — todas terminando em uma profunda desilusão com o sistema inventado por aqueles que diziam que era “inevitável a tomada do poder pelos trabalhadores no mundo inteiro”. Ou que “a reli-

gião é o ópio do povo”, provando que quem dissera frase tão estúpida não entendia de povo e muito menos de ópio. Porque entre as crenças dos jovens malvestidos, de roupas diferentes, estavam Deus, deuses, deusas, anjos e coisas do tipo. O único problema era que tal livro, chamado *O despertar dos mágicos*, de autoria do francês Louis Pauwels e do soviético Jacques Bergier — matemático, ex-espião, pesquisador incansável de ocultismo — dizia exatamente o contrário dos manuais políticos: o mundo está composto de coisas interessantíssimas, existem alquimistas, magos, cátaros, templários, e outras palavras que faziam com que nunca fosse um grande sucesso de livraria, porque um exemplar era lido por — no mínimo — dez pessoas, dado seu custo exorbitante. Enfim, Machu Picchu estava no livro, e todos queriam ir até lá, no Peru, e ali estavam jovens do mundo inteiro (bem, do mundo inteiro é um pouco de exagero, porque os que viviam na União Soviética não tinham assim tanta facilidade para sair dos seus países).

Mas, enfim, voltando ao assunto: jovens de todos os lugares do mundo, que conseguiam pelo menos um bem inestimável chamado “passaporte”, encontravam-se nas chamadas “trilhas hippies”. Ninguém sabia exatamente o que a palavra “hippie” queria dizer, e isso não tinha a menor importância. Talvez seu significado fosse “uma grande tribo sem líder” ou “marginais que não assaltam”, ou todas as descrições já feitas logo na abertura deste capítulo.

Os passaportes, essas pequenas cadernetas fornecidas pelo governo, colocados em uma bolsa presa na cintura

junto com o dinheiro (se pouco ou muito era irrelevante) tinham duas finalidades. A primeira, como todos sabemos, era poder atravessar fronteiras — desde que os guardas não se deixassem levar pelas notícias que liam e não resolvessem mandar a pessoa de volta porque não estavam acostumados com aquelas roupas e aqueles cabelos e aquelas flores e aqueles colares e aquelas miçangas e aqueles sorrisos de quem parecia estar em um constante estado de êxtase — normalmente, ainda que de forma injusta, atribuídos às drogas demoníacas que, dizia a imprensa, os jovens consumiam em quantidades cada vez maiores.

A segunda função do passaporte era livrar seu portador de situações extremas — quando o dinheiro acabava por completo e ele não tinha a quem recorrer. O tal “Correio Invisível” sempre fornecia a informação necessária dos locais onde ele poderia ser vendido. O preço variava de acordo com o país: um passaporte da Suécia, onde todos eram louros, altos e de olhos claros, valia muito pouco — já que só poderia ser revendido a louros, altos, de olhos claros, e esses geralmente não estavam na lista dos mais requisitados. Mas um passaporte do Brasil valia uma fortuna no mercado negro — por ser um país que, além de louros, altos e de olhos claros, também tem negros altos e baixos de olhos escuros, orientais de olhos rasgados, mulatos, índios, árabes, judeus, enfim, um imenso caldo de cultura que terminava resultando em um dos mais cobiçados documentos do planeta.

Uma vez vendido o passaporte, o portador original ia até o consulado do seu país e, fingindo terror e depres-

são, dizia que tinha sido assaltado e que roubaram tudo — estava sem dinheiro e sem passaporte. Os consulados de países mais ricos ofereciam passaporte e passagem gratuita de volta ao local de origem, o que era imediatamente rejeitado, sob a alegação de que “alguém está me devendo uma boa quantia, preciso antes receber o que é meu”. Os países pobres, normalmente submetidos a severos sistemas de governo, nas mãos de militares, faziam um verdadeiro interrogatório para ver se o requerente não estava na lista de “terroristas” procurados por subversão. Uma vez que constatavam que a moça (ou o rapaz) tinha ficha limpa, eram obrigados, contra a vontade, a fornecer o documento. Nem sequer ofereciam passagem de volta, porque não havia interesse em ter aquelas aberrações influenciando uma geração que estava sendo educada respeitando Deus, a família e a propriedade.

Voltando às trilhas: depois de Machu Picchu foi a vez de Tiahuanaco, na Bolívia. Em seguida, Lhasa, no Tibete, onde era muito difícil de entrar porque havia, segundo o “Correio Invisível”, uma guerra entre os monges e os soldados chineses. Claro que era difícil imaginar essa guerra, mas todo mundo acreditava e não iria arriscar uma longuíssima viagem apenas para terminar prisioneiro dos monges ou dos soldados. Por fim os grandes filósofos da época, que haviam se separado justamente em abril daquele ano — pouco tempo antes anunciaram que a grande sabedoria do planeta estava na Índia. Foi o bastante para que jovens do mundo inteiro se dirigissem ao país em

busca de sabedoria, conhecimento, gurus, votos de pobreza, iluminação, encontro com o My Sweet Lord.

O “Correio Invisível”, porém, avisou que o grande guru dos Beatles, Maharishi Mahesh Yogi, havia tentado seduzir e ter relações sexuais com Mia Farrow, uma atriz que no decorrer dos anos tivera sempre experiências amorosas infelizes e fora para a Índia a convite dos Beatles, possivelmente para curar-se dos traumas relacionados à sexualidade, que pareciam persegui-la como um carma ruim.

Mas tudo indica que o carma de Mia Farrow iria também viajar para o mesmo lugar, junto com John, Paul, George e Ringo. Segundo ela, estava meditando na caverna do grande guru quando ele a agarrou e tentou forçá-la a ter relações sexuais. A essa altura, Ringo já tinha voltado para a Inglaterra porque sua mulher detestava comida indiana, e Paul também resolveu abandonar o retiro, convencido de que aquilo não o estava levando a lugar nenhum.

Apenas George e John permaneciam no templo de Maharishi quando Mia os procurou, em lágrimas, e contou o que tinha acontecido. Imediatamente os dois arrumaram suas malas e, quando o Iluminado veio perguntar o que estava acontecendo, a resposta de Lennon foi contundente:

“Você não é iluminado pra c***? Então sabe muito bem.”

Ora, em setembro de 1970 as mulheres dominavam o mundo — melhor dizendo, as jovens hippies dominavam o mundo. Os homens andavam de lá para cá sabendo que

o que as seduzia não era a moda — elas eram muito melhores que eles no assunto —, de modo que resolveram aceitar de uma vez por todas que eram dependentes, viviam com o ar de abandono e o pedido implícito de “proteja-me, estou sozinho e não consigo encontrar ninguém, acho que o mundo me esqueceu e o amor me abandonou para sempre”. Elas escolhiam seus machos e nunca pensavam em casar, apenas em passar um tempo agradável e divertido com um sexo intenso e criativo. E, tanto em coisas importantes como superficiais e irrelevantes, a voz definitiva era mesmo delas. Portanto, quando o “Correio Invisível” espalhou a notícia do assédio sexual de Mia Farrow e da frase de Lennon, imediatamente decidiram mudar de rota.

Outra trilha hippie foi criada: de Amsterdam (Holanda) até Kathmandu (Nepal), em um ônibus cuja passagem custava aproximadamente cem dólares e atravessava países que deviam ser muito interessantes: Turquia, Líbano, Irã, Iraque, Afeganistão, Paquistão e parte da Índia (bem longe do templo de Maharishi, diga-se de passagem). A viagem demorava três semanas e percorria um número absurdo de quilômetros.

Karla estava sentada no Dam, se perguntando quando o sujeito que deveria acompanhá-la nessa mágica aventura (segundo ela, claro) ia chegar. Abandonara seu emprego em Rotterdam, que estava a apenas uma hora de trem, mas como precisava economizar cada centavo viera de carona, e a viagem demorara quase um dia. Descobrira a jornada de ônibus para o Nepal em uma das dezenas de jornais alternativos feitos com muito suor, amor e trabalho por gente que achava ter algo a dizer para o mundo, e em seguida vendidos por uma quantia insignificante.

Depois de uma semana esperando, começou a ficar nervosa. Tinha abordado uma dezena de rapazes do mundo inteiro, interessados apenas em ficar ali, naquela praça sem o menor atrativo além de um monumento em forma de falo, o que pelo menos deveria estimular a virilidade e a coragem. Mas não; nenhum deles estava disposto a ir para lugares tão desconhecidos.

Não se tratava de distância: a maioria era dos Estados Unidos, da América Latina, da Austrália e de outros países que exigiam dinheiro para as passagens caríssimas de avião e muitos postos de fronteira onde poderiam ser barrados e ter que voltar para seus locais de origem sem co-